



XXVII Encontro Estadual de História. De 02 a 06 de setembro de 2024 - Unicamp, Campinas, SP.

Tom Jobim, Vinícius de Moraes e uma *Sinfonia* para o alvorecer de uma nação¹

Marília do Espírito Santo Carvalho – PPGMUS-UDESC

Márcia Ramos de Oliveira – PPGMUS-UDESC

A *Sinfonia da Alvorada* (1960) é fruto da parceria entre Antonio Carlos Jobim e Vinícius de Moraes. Nessa obra, que tematiza o nascimento da cidade de Brasília-DF, à escrita orquestral de Tom Jobim somam-se textos de cunho nacionalista elaborados pelo poeta e diplomata. Ao exaltar a nova capital, a *Sinfonia* ambicionava traduzir em música o entusiasmo dos que comungavam com o projeto de país que o então presidente Juscelino Kubitschek buscava colocar em prática.

Apesar de ter sido composta durante o governo JK, a primeira execução ao vivo da *Sinfonia da Alvorada* só ocorreu em 7 de setembro de 1985, em concerto público realizado na Esplanada dos Ministérios. A regência ficou a cargo de Alceo Bocchino. Sob sua batuta, estiveram a Orquestra Sinfônica de Brasília (a OSTNCS, Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro) e o Madrigal da Escola de Música de Brasília. Tom Jobim fez a leitura dos textos-poemas juntamente com a cineasta Suzana de Moraes, filha mais velha do poeta. O concerto contou ainda com a participação de Radamés Gnattali ao piano. Juscelino Kubitschek (1902-1976) e Vinícius de Moraes (1913-1980), já falecidos na data, não presenciaram, portanto, nenhuma das execuções ao vivo da *Sinfonia*. Os

¹ Recorte da pesquisa de doutorado que vem sendo desenvolvida desde agosto de 2020 no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGMUS-UDESC), na linha Teoria e História. O presente levantamento de informações biográficas da *Sinfonia da Alvorada* visa, no âmbito da tese, o diálogo com procedimentos poético-musicais, permitindo uma escuta densa da obra.

motivos para a tardia *première* ainda são controversos, assim como outros dados concernentes à obra.

Considerando, dentre outros fatores, o reconhecimento nacional e internacional da dupla que compôs nada menos do que *Chega de Saudade* (1958), “canção-hino” da bossa nova (VELOSO, 2017, p.73), e *Garota de Ipanema* (1962), uma das canções brasileiras mais gravadas de todos os tempos (FOLHA DE SÃO PAULO, 2023), não é difícil encontrar menções à *Sinfonia da Alvorada* em biografias, trabalhos acadêmicos, matérias de imprensa, documentários e entrevistas. Entretanto, a imprecisão e incompletude das informações disponíveis a respeito dessa composição é, no mínimo, intrigante.

Visando contribuir, então, com a mitigação de tais circunstâncias, este estudo apresenta diferentes versões de eventos relativos à biografia da *Sinfonia*, e compartilha documentos originais, obtidos em consulta ao Arquivo Público do Distrito Federal (ArPDF). Com isso, destaca lacunas na compreensão desse período de nossa história recente, atentando para a dimensão simbólica dessa obra musical, sobretudo ante o fechamento político e institucional que se deu ao final do mandato de Juscelino Kubitschek.

O trabalho ressalta a *Sinfonia* como um valioso objeto de estudo, por permitir abordagens metodológicas diversas, tais como o mapeamento de redes de sociabilidade, a identificação de dinâmicas próprias à invenção de tradições, e a discussão sobre comunidades imaginadas. Convida também à reflexão sobre os limites entre memória e história, já que, conforme comenta o jornalista cultural Severino Francisco em matéria de 21 de abril de 2013 para o *Correio Brasiliense*, trata-se de uma composição envolta em “mitos ou meias-verdades”. Vejamos o porquê.

Alvorada de versões

As contradições e incógnitas a respeito da *Sinfonia da Alvorada* já começam pelos motivos que levaram à sua criação. Fontes afirmam que a obra foi encomendada por Juscelino Kubitschek para ser executada ao vivo na cerimônia de inauguração de Brasília, ocorrida em 21 de abril de 1960. É o caso da nota publicada na página 4 do jornal *A Tribuna* (SP) em 5 de novembro de 1960, que informa que Antônio Carlos Jobim e Vinícius de Moraes “foram encarregados de compor uma obra coral exaltando a nova capital”. Já a matéria da página 10 do 1º Caderno do *Jornal do Brasil* (RJ) em 9 de agosto de 1967, recorda *Brasília, Sinfonia da Alvorada* como o então “último disco de Tom Jobim no Brasil”, que fora “encomendado pelo ex-Presidente Juscelino Kubitschek, em 1960”.

Mais recentemente, Cacá Machado (2008) replica essa informação em diferentes passagens do seu volume sobre Tom Jobim para a coleção *Folha Explica*. Primeiramente menciona “a construção de Brasília, projetada por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer – com música de inauguração encomendada à dupla Tom e Vinícius: *Sinfonia da Alvorada*” (MACHADO, 2008, p. 32). Algumas páginas adiante comenta que “o governo brasileiro teve ao mesmo tempo a perspicácia política e a feliz intuição de convidar Tom e Vinícius para compor o tema de inauguração da nova capital” (MACHADO, 2008, p. 37). Na sequência, detalha que “a composição foi encomendada em 1958 pelo presidente Juscelino Kubistchek. Mas, por falta de verba, não foi apresentada na inauguração da nova capital em 1960, como estava previsto” (MACHADO, 2008, p. 39).

Todavia, no encarte da primeira gravação da *Sinfonia* (COLUMBIA-33001, 1961), Vinícius de Moraes nega a encomenda, não menciona a inauguração, e conta que o convite de JK para realizar um “espetáculo” em Brasília foi feito em junho de 1960:

A ideia de escrevermos uma Sinfonia celebrando Brasília não é nova. Em fevereiro de 1958, eu acidentado num hospital de Petrópolis, conversei pela primeira vez com Antônio Carlos Jobim sobre o assunto. Ainda no correr desse mesmo ano, alguns dos temas musicais aqui constantes já haviam sido compostos por esse jovem Maestro. Houve logo, é claro, quem falasse em obra ‘encomendada’ e outras tolices do gênero, o que feriu certas suscetibilidades de Jobim. E a tarefa ficou postergada para dias mais inteligentes. Até que, de volta do meu pôsto em Motevidéu, em junho de 1960, recebi uma telefonada de Brasília. Induzido por esse querido amigo que é Oscar Niemeyer, o presidente Juscelino Kubitschek, também um velho amigo, convidava-nos para criar, com os técnicos da firma francesa Clémançon, especializada na matéria, um espetáculo ‘Son et Lumière’ para a Praça dos Três Poderes, à maneira dos que são feitos nos principais castelos francêses e em vários outros monumentos do mundo, como a Acrópole, as Pirâmides e tantos mais, para fins de atração turística. Era a oportunidade, Brasília já deixara de ser um sonho, para transformar-se numa realidade de âmbito mundial (JOBIM; MORAES, 1961).

A matéria de 18 de março de 1961 da revista carioca *Mundo Ilustrado* (p. 40-41) vai ao encontro das informações do encarte. Nela, o jornalista Haroldo Holanda endossa: assim que Jobim soube da construção da cidade, “nasceu no seu espírito o propósito de dedicar uma composição que narrasse toda a epopeia da nova capital, desde os seus primeiros dias, quando era chão bruto, até a sua conclusão, com a imponente arquitetura de Oscar Niemeyer”. Ou seja, para o jornalista, o compositor Tom Jobim teria se encantado pela ideia de Brasília e se inspirado a compor independente de qualquer negociação profissional.

A informação de que Tom Jobim teria iniciado a composição mais de dois anos antes do convite de Kubitschek também consta na dissertação de Paulo Vitor de Oliveira Bottas

(2017, p. 74) e na página oficial de Vinícius de Moraes². Apesar de endossar a versão de Tom Jobim quanto à época de início da composição, tanto Bottas quanto o *site* oficial de Vinícius de Moraes reiteram o caráter de obra encomendada. Ambos informam que JK faz a encomenda ao poeta em 1958 através do amigo em comum Bené Nunes. O *site* acrescenta que Vinícius de Moraes convida para o trabalho seu “novo parceiro”, o jovem maestro Jobim, mas a encomenda não vai adiante naquele momento devido a polêmicas que circulavam no país envolvendo a construção de Brasília e seus altos custos. Bottas (2017, p. 74) recorda que Bené Nunes era o pianista que animava os jantares oferecidos pelo presidente e pela primeira-dama no Palácio das Laranjeiras, a antiga residência oficial.

Outro enigma é a ida de Tom e Vinícius ao Planalto Central. A convite de JK, a dupla esteve em Brasília durante a sua construção para trabalhar na composição da *Sinfonia*, e se hospedou no Catetinho, alcinha da primeira Residência Presidencial (RP-1) forjada pelo músico Dilermando Reis em alusão ao Palácio do Catete no Rio de Janeiro (PEDROSA, 2023, p. 16). Embora não haja dúvidas de que tal visita ocorreu, as fontes divergem quanto à data da viagem e duração da estadia. Algumas falam em dias, outras em meses de trabalho presencial.

Em sua dissertação, Clairton Rosado (2008, p. 13) afirma que os artistas estiveram em Brasília em setembro de 1959, o que seria compatível com a previsão de estreia junto com a inauguração da nova capital. No entanto, no já mencionado encarte do primeiro LP da *Sinfonia* consta que a viagem ocorreu em setembro de 1960, e que a estadia no Catetinho durou 10 dias. O mês e o ano informados no encarte coincidem com os dados expostos atualmente no Museu do Catetinho, onde encontra-se reproduzida uma fotografia de Tom e Vinícius tirada naquele local pelo fotógrafo Jader Neves, com legenda de 24 de setembro de 1960.

Há, ainda, outras versões; inclusive as diferentes narrações dos próprios autores ao longo de suas vidas, como no depoimento de Tom Jobim para o Museu da Imagem e do Som (MIS) concedido em 1967 no Rio de Janeiro. Nessa entrevista, conduzida por Ricardo Cravo Albin, Raimundo Wanderley, Dori Caymmi, Chico Buarque de Holanda, Vinícius de Moraes e Oscar Niemeyer, Tom Jobim ‘inflaciona’ o tempo da visita: “acho que nós ficamos um mês lá no Catetinho”. Quando perguntado se a composição foi toda

² Cf. viniciusdemoraes.com.br/. A página tem pesquisa e organização de Frederico Coelho e é administrado pela VM Cultural, empresa que existe desde 1987 com a função de cuidar do legado do poeta. Acesso em: julho de 2024.

feita em meio ao cerrado ou se eles a “elaboraram depois”, responde: “Nós terminamos praticamente tudo lá, não é Vinícius?” (JOBIM, 2011, p. 38).

Tal contradição é observada por Bottas (2017, p. 81-82), diante de referências que indicam que a composição foi concluída por Tom Jobim no Rio de Janeiro, em seu piano vertical Welmar, após o retorno da viagem. Em entrevista citada por Rosado (2008, p. 15), Tereza Hermany, esposa de Tom Jobim na época, comenta: “ele foi lá só pra sentir o clima [...] porque a maior parte do trabalho foi feita em casa mesmo, mas sentir o clima pra ele era muito importante”. Sobre o tempo de permanência, responde: “Uma semana. Uma coisa assim pra conhecer o lugar e depois voltaram”.

A objetividade do relato de Tereza Hermany contrasta com versões mais romantizadas, tais como a do jornalista Ruy Castro, que endossa a ida em setembro de 1959, reitera que a encomenda fora feita para a inauguração, e detalha:

Os dois foram de carro para Brasília, no fusquinha de Tom, e Juscelino os instalou no Catetinho, o acampamento presidencial. Tudo era precário no Catetinho, menos os serviços de Osório, o mordomo oficial, cuja adega parecia inesgotável. Parecia – até a chegada de Tom e Vinícius. ‘Brasília, sinfonia da alvorada’ foi feita naqueles dez dias, em meio a um cenário desolador, habitado por cascavéis e por um galo que Vinícius apelidou de *Polígamo das secas*. Já naquela época ele se queixava de que Brasília não tinha esquinas (CASTRO, 2008, p. 277).

Outro ponto controverso são os motivos pelos quais a peça não foi executada ao vivo em Brasília ainda no mandato de JK, encerrado em 31 de janeiro de 1961. Em 5 de novembro de 1960, o jornal *A Tribuna* denunciou crise financeira na Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap)³, mencionou divergências no pagamento do cachê dos compositores, e fez insinuações de esquema de corrupção:

A crise financeira que está afligindo a Novacap criou sérios embaraços aos compositores Antônio Carlos Jobim e Vinícius de Moraes. Foram encarregados de compor uma obra coral exaltando a nova capital, ao preço de quatro milhões de cruzeiros. Largaram tudo no Rio e foram para Brasília, onde criaram a Sinfonia da Alvorada, depois de meses de trabalho. A Novacap, entretanto, resolveu que a obra só valia três milhões: quebrou o contrato e os funcionários encarregados do pagamento informaram sub-repticiamente aos dois artistas que, quanto aos três milhões, só receberiam se dessem uma polpuda comissão (A TRIBUNA, 1960, p. 4).

³ Segundo informações da página do Governo do Distrito Federal (GDF), a Novacap foi criada através de lei em 19 de setembro de 1956, por Juscelino Kubistchek, que havia assumido a Presidência em janeiro do mesmo ano, com a “finalidade única de gerenciar e coordenar a construção da nova Capital do Brasil. [...] Com este objetivo, a Novacap continua existindo, como uma empresa pública, tendo como sócios a União e o Governo do Distrito Federal [...] É o principal braço executor das obras de interesse do Estado, e sua vinculação é direta com a Secretaria de Estado de Obras”. Fonte: novacap.df.gov.br/.

Outras fontes atribuem a não execução da *Sinfonia* à falta de verba para a contratação da infraestrutura necessária à realização de um concerto público ao ar livre. Essa foi a justificativa dada por Vinícius de Moraes durante a já citada entrevista de Tom Jobim (2011, p. 39-40) ao MIS. O poeta contou que chegou a se encontrar com os técnicos da *Clémançon*, empresa francesa que, na época, fazia “praticamente no mundo inteiro” o tal espetáculo de *son et lumière* que JK e Niemeyer supostamente tanto desejavam. A empresa teria realizado o espetáculo nas pirâmides do Egito, em Paris, nos rochedos de Dover na Inglaterra, entre outros monumentos. No entanto, segundo Vinícius, os elevados custos inviabilizaram a realização do ambicionado show de som e luzes.

Tais contradições e desencontros de informações levam a questionamentos como: a *Sinfonia da Alvorada* foi mesmo fruto de uma encomenda do então presidente Juscelino Kubitschek? Sua primeira execução estava realmente prevista para a inauguração da nova capital? Em qual período Tom Jobim e Vinícius de Moraes estiveram no Planalto Central para trabalhar na sua composição? Por que a *Sinfonia* não foi executada ao vivo em Brasília durante o mandato de JK? Indagações preliminares que despertam a curiosidade em relação à peça e impulsionam esta investigação.

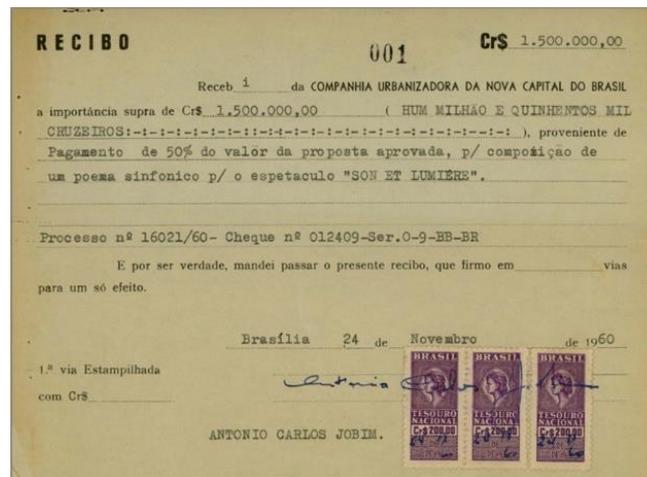
Documentos do Arquivo Público do Distrito Federal

Por mais que Tom Jobim e Vinícius de Moraes tenham, por diversas vezes, manifestado publicamente entusiasmo com o projeto da nova capital, não é possível precisar até que ponto ambos estavam de fato empolgados com a construção de Brasília. Tampouco se na intimidade apoiavam a política de JK e seu plano de metas, cuja meta-síntese consistia na transferência da capital federal para o Planalto Central. Essas são questões complexas, que fogem ao escopo desta comunicação. No entanto, para que possam ser averiguadas futuramente, a apuração da encomenda da *Sinfonia da Alvorada* torna-se relevante, por informar sobre a natureza da relação entre a dupla de compositores e o então presidente. A elucidação sobre os vínculos existentes entre esses personagens, por sua vez, interfere nas leituras sobre esse período histórico-político. Assim, dando sequência à investigação, foram realizadas consultas presenciais ao acervo de documentos da Novacap, que se encontra sob guarda do Arquivo Público do Distrito Federal (ArPDF).

Entre os materiais acessados, foi encontrado um documento que, embora não responda se a *Sinfonia* estava prevista para a inauguração ou não, ao menos elucida a

incógnita sobre a encomenda: trata-se do recibo de pagamento da primeira parcela referente à sua elaboração (Fig. 1). Como o documento atesta – e conforme especulara o jornal *A Tribuna – a Sinfonia da Alvorada*, ou mais precisamente, o “poema sinfônico para o espetáculo *son et lumière*”, foi encomendado à Tom Jobim e Vinícius de Moraes pelo valor total de três milhões de cruzeiros. A primeira parcela, referente à metade da quantia acordada, um milhão e quinhentos mil cruzeiros, foi paga em 24 de novembro de 1960.

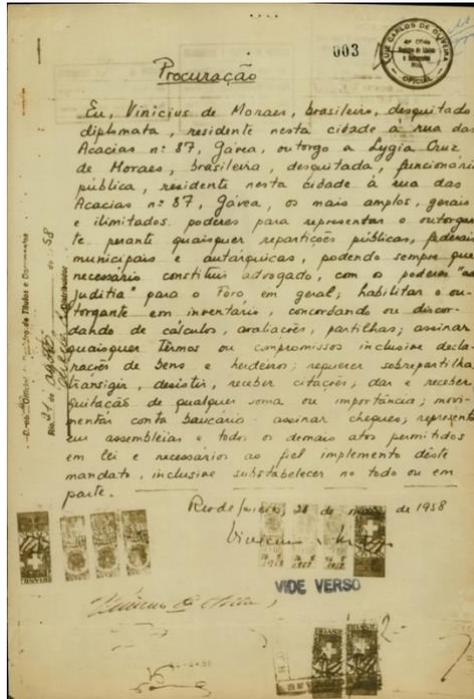
Figura 1 - Recibo de pagamento assinado por Antonio Carlos Jobim em 24 de novembro de 1960.



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal. Acesso em: março de 2024.

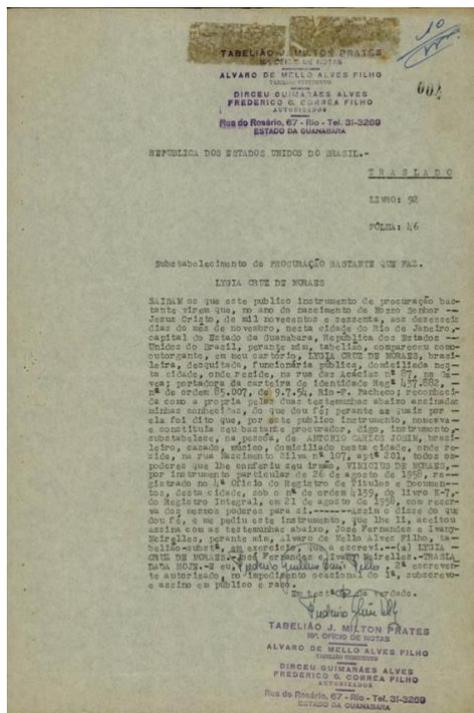
Entre os documentos localizados, constam duas procurações, que podem justificar o fato de o recibo ter sido assinado unicamente por Jobim. Na primeira, redigida de próprio punho por Vinícius de Moraes em 26 de agosto de 1958, o poeta outorga à sua irmã Lygia Cruz de Moraes “os mais amplos, gerais e ilimitados poderes” para representá-lo “perante quaisquer repartições públicas” (Fig. 2). Na segunda, lavrada em cartório em 16 de novembro de 1960, Lygia transfere a Antonio Carlos Jobim “todos os poderes que lhe conferiu seu irmão” (Fig. 3).

Figura 2 - Procuração de Vinícius de Moraes à Lygia Cruz de Moraes - 26 de agosto de 1958.



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal. Acesso em: março de 2024.

Figura 3 - Procuração de Lygia Cruz de Moraes a Antonio Carlos Jobim - 16 de novembro de 1960.



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal. Acesso em: março de 2024.

É difícil precisar a correspondência, na moeda atual, dos três milhões de cruzeiros negociados pela *Sinfonia*, ou ter dimensão do poder de compra desse valor na época. Contudo, comparações com outros achados do ArPDF podem nos auxiliar nesse sentido. É o caso do documento assinado pelo presidente da Novacap em de 26 de março de 1960

autorizando o pagamento de dez mil cruzeiros a Wanderley Mattos e Lins Calheiros, dupla de compositores do samba “Ver para Crer”, vencedor do 1º Concurso de Músicas Carnavalescas de Brasília.

Outro documento encontrado no ArPDF que envolve o pagamento de músicos é a cópia de um recibo referente à importância de treze mil e seiscentos cruzeiros usados para custear as gravações das músicas “Brasília” e “Tarde Amena” (Fig. 4). Para isso, foi mobilizada uma orquestra com dezessete músicos e um coro de seis cantores, todos componentes da Rádio Nacional. Segundo esse recibo, no qual encontram-se discriminados os valores dos cachês, cada músico recebeu, em média, quatrocentos cruzeiros. O valor mais alto foi destinado ao pagamento do maestro Radamés Gnattali, que recebeu dois mil e quinhentos cruzeiros.

Os valores expressos nos documentos anteriores sugerem que o cachê oferecido pela *Sinfonia* foi substancial. Qualquer julgamento nesse sentido, no entanto, requer a ponderação da complexidade da tarefa e do reconhecimento dos artistas em questão.

Figura 4 - Cópia do recibo de pagamento pela gravação das músicas “Brasília” e “Tarde Amena”.

CÓPIA AUTÊNTICA DO RECIBO, REFERENTE AO DOCUMENTO Nº 1.314, DATADO DE 13.2.57

RECIBO @ 13.600,00

Recibo de Sr. Cesar Trates, a importância de R\$13.600,00 (Treze Mil e seiscentos cruzeiros), para pagamento da orquestra, arranjador, coro e copista, da gravação das músicas "Brasília" e "Tarde Amena", realizada no dia 13 p. passado, conforme discriminação abaixo:

5 - saxofones	@ 2.000,00
2 pianos	1.200,00
3 - trombones	1.200,00
1 - guitarra	400,00
1 - acordeão	400,00
1 - contrabaixo	400,00
1 - bateria	400,00
2 - tambores	600,00
1 - caçoca	300,00
1 - pandeiro	300,00
Maestro	2.500,00
Cópia	500,00
Coro	2.000,00
Responsável	400,00
Transporte de instrumentos	200,00
	@ 13.600,00

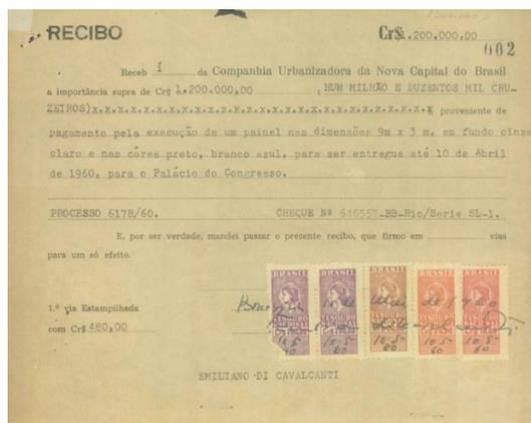
Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 1957
GRAVAÇÃO ELÉTRICA LDA.
(devidamente assinado e selado com R\$5,00 de acordo com a lei).

NOTA - O original se encontra na documentação destinada ao TRIBUNAL DE CONTAS.

Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal. Acesso em: março de 2024.

Desse modo, saindo da esfera musical, porém envolvendo um personagem que, assim como Tom Jobim e Vinícius de Moraes, já gozava de prestígio nacional e internacional, pode ser mencionada a quantia de um milhão e duzentos mil cruzeiros pagos a Emiliano Di Cavalcante por um painel de 9m x 3m destinado ao Palácio do Congresso (Fig. 5).

Figura 5 - Recibo assinado por Emiliano Di Cavalcanti.



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal. Acesso em: março de 2024.

Em pesquisa sobre o Catetinho, Pedrosa (2023, p. 35) comenta que o palácio foi construído com recursos que amigos de JK levantaram por meio de empréstimo em Belo Horizonte. O valor do empréstimo, e custo total do Catetinho, foi de quinhentos mil cruzeiros. Segundo a autora, esse valor corresponde a aproximadamente cento e oitenta e um mil reais no dinheiro de hoje. Se o cálculo de Pedrosa estiver certo, isso significa que a *Sinfonia da Alvorada* foi encomendada por uma quantia equivalente a mais de um milhão de reais na moeda atual, o que representaria um cachê de cerca de quinhentos mil reais para cada um dos compositores.

Ainda que os cálculos estejam corretos, não é possível afirmar que Antonio Carlos Jobim e Vinícius de Moraes receberam esse montante, tendo em vista que não foram localizados documentos que atestem o pagamento do restante do valor acordado pela *Sinfonia*. Nesse caso, algumas possibilidades podem ser aventadas: o pagamento pode ter ocorrido pelas vias legais com a emissão de recibo, que apenas não foi localizado⁴; o acerto de contas pode ter sido feito por meios extraoficiais; ou o restante do pagamento pode não ter ocorrido. Essa terceira alternativa justificaria a não execução ao vivo da *Sinfonia* ainda no mandato de JK, o que nos faz recordar o boato de “quebra de contrato” ventilado pelo jornal *A Tribuna*. Independente disso, o trabalho foi concluído. As partituras entregues à Presidência na época da contratação também se encontram no ArPDF, ainda que, por razões não informadas, não estejam disponíveis à consulta.

Sem entrar no mérito do quão justo, ou não, seria o referido cachê para a composição de uma obra sinfônica, o que ora se focaliza é a relação profissional

⁴ A esse respeito, convém mencionar a ineficiência das ferramentas digitais de busca e a desorganização dos documentos do acervo da Novacap no Arquivo Público do DF.

estabelecida entre artistas e Presidência da República. Diante disso, torna-se possível refletir sobre os interesses políticos envolvidos nessa encomenda, tendo em vista o capital simbólico dos compositores e da própria *Sinfonia*.

Uma tradução sinfônica para a nova capital federal

O título da matéria publicada pelo jornal paranaense *Última Hora* no dia 27 de fevereiro de 1961 (p. 8) sintetiza o espírito da encomenda: “Brasília é Sinfonia: A Obra de JK em Sete Notas”. Embora equivocada do ponto de vista musical (porque a composição utiliza mais do que sete notas!), a manchete capta o intuito de Kubitschek com a *Sinfonia da Alvorada*: ser a tradução sinfônica da nova capital.

A estratégia de selar com música a fundação de uma cidade é antiga e eficiente. No meio erudito, sobretudo, as grandes obras musicais são usualmente acompanhadas do ano e de alguma referência às circunstâncias nas quais foram compostas. O recurso publicitário fica, então, evidente: encomendar uma obra musical capaz de atuar como um marco, fazendo os nomes de Brasília e de seu realizador ecoarem na história como epíteto.

Em tese, o plano era simples. Na prática, nem tanto. A composição precisaria ter a imponência da linguagem sinfônica, evocando a alta cultura. Mas precisaria também ter a marca daqueles tempos - ser modernista e brasileira. JK sabia que o nome do executor dessa tarefa seria sempre associado ao seu e ao de Brasília. Uma escolha, portanto, cujos critérios vão muito além das competências composicionais dos candidatos. Se o compromisso fosse estritamente com o gênero sinfônico, o jovem Tom Jobim, músico popular das noites de Copacabana, seguramente não estaria no começo da lista. Mas o compromisso era, sobretudo, com a imagem política. E Antonio Carlos Jobim, àquela altura, já era muito mais do que um músico da noite. Era o grande ídolo da bossa nova; autor do seu “hino”, *Chega de Saudade*, como lembra Caetano. E, para a felicidade de JK, vinha se aventurando na escrita orquestral.

De acordo com a cronologia traçada por Machado (2008, p. 75), em 1954, Tom desponta com sua primeira canção de sucesso, “Tereza da Praia”, parceria com Billy Blanco, interpretada por Dick Farney e Lúcio Alves. Esse é também o ano em que lança sua primeira obra sinfônica, a *Sinfonia do Rio de Janeiro*, outra parceria com Billy Blanco. Porém, o que mais pesou na escolha de seu nome para a realização da tarefa da Presidência foi *Orfeu da Conceição* (1965), peça teatral escrita por Vinícius para a qual Tom compôs e arranjou os temas musicais.

Bottas (2017, p. 29-32) se refere ao *Orfeu* como uma obra “fundamental” para a encomenda da *Sinfonia da Alvorada*, por “selar a parceria entre o músico e o poeta”, sendo, portanto, “decisiva” para a carreira de Tom Jobim. O autor observa que a escrita de Jobim em *Orfeu* “já continha características estilísticas da bossa nova, gênero que só atingiu seu apogeu a partir de 1958”. Recorda que, em geral, público e imprensa reagiram com “entusiasmo”, elogiando o compositor por seu “refinamento”; e que, mesmo a crítica negativa, “reconheceu a modernidade do estilo, ‘universal e atemporal’” do recém descoberto Antonio Carlos Jobim. É preciso sublinhar, ainda, a presença de Oscar Niemeyer no projeto. Os cenários desenhados pelo “futuro arquiteto de Brasília, já traziam os traços que mais tarde caracterizariam os prédios da nova capital do país” (BOTTAS, 2017, p. 30).

Como é possível perceber, em torno da *Sinfonia da Alvorada* pode ser mapeada toda uma rede de sociabilidade. Personagens cujos caminhos já vinham se cruzando há algum tempo: Tom Jobim, Radamés Gnattali, Vinícius de Moraes, Oscar Niemeyer, Juscelino Kubitschek, para citar apenas os protagonistas. “Queridos” e “velhos” amigos, como diz o poeta no encarte do primeiro LP da *Sinfonia*. Todos esses fatos, fizeram do portfólio de Antonio Carlos Jobim imbatível, apesar da sua imatura escrita sinfônica.

A mencionada reportagem do jornal *Última Hora* (PR) de 27 fevereiro de 1961, relata o coquetel de divulgação do primeiro LP da *Sinfonia*, cujo lançamento no mercado estava previsto para o mês seguinte. Realizado nos estúdios da Colúmbia, no Rio de Janeiro, em 23 de fevereiro de 1961, nesse evento exclusivo para convidados (jornalistas, escritores, artistas, músicos etc.), Vinícius explicou que: “*Brasília, Sinfonia da Alvorada*, é, estruturalmente, um poema sinfônico. A designação de sinfonia foi empregada em obediência à construção mais popular que o termo adquiriu desde mais ou menos meio século, e porque a peça tem inerentemente o espírito sinfônico”. O comentário do poeta, que condiz com a informação do recibo de pagamento da obra, se justifica pelo fato da *Sinfonia* ser uma peça programática, como o são os poemas sinfônicos. Músicas de programa são baseadas em texto escrito, com o objetivo de narrar musicalmente uma situação - no caso, a construção da nova capital.

Conforme reforça Rosado (2008, p. 13), a descrição musical não se dá apenas através dos textos recitados e palavras entoadas, mas também “pela concepção formal da peça e pelos respectivos títulos dos movimentos”. A esse respeito, no referido evento, antes de procederem à escuta da gravação, o poeta resume:

É ela dividida em cinco partes, a saber: “O Planalto Deserto”, em que é evocado o grande altiplano, antes da vinda do homem. Segue-se, na segunda

parte, “O Homem” – a sua dura e penosa chegada, o seu espírito de aventura e conquista em luta com a natureza. A terceira parte chama-se “Chegada dos Candangos” e conta o formidável êxodo das populações rurais do interior, sobretudo do Norte e Nordeste, em busca de trabalho na nova capital. A quarta parte, a mais extensa, e, do ponto de vista musical, a mais complexa, denomina-se “O Trabalho e a Construção” e busca ser a apresentação do que foi o trabalho humano, com todas as suas alegrias e sofrimentos, para erigir Brasília. Na parte final, um Coral misto em celebração às obras realizadas (MORAES *in* ÚLTIMA HORA, 1961, p. 8).

Assim, recordando as palavras da matéria de Haroldo Holanda, a *Sinfonia* reproduz as etapas da edificação de Brasília, “desde os seus primeiros dias, quando era chão bruto, até a sua conclusão, com a imponente arquitetura de Oscar Niemeyer”. No que concerne aos timbres, recorre a uma instrumentação sinfônica: três flautas (sendo um piccolo), dois oboés, duas clarinetas, corne inglês, dois fagotes, três trombones, duas trompas, quatro trompetes, tímpano, percussões, naípe de cordas, piano e coro⁵. Sobre os textos-poemas, estes dialogam com outros, conforme detalha Vinícius:

As frases ditas por Antonio Carlos Jobim em alternância com as minhas, no final da 2ª parte, são citações de Oscar Niemeyer, do seu artigo ‘Minhas Experiências em Brasília’, sendo que a última é a conhecida frase de Lúcio Costa sobre seu Plano-Piloto⁶. A citação da quarta parte é a do ex-presidente Juscelino Kubitschek⁷ (MORAES *in* ÚLTIMA HORA, 1961, p. 8).

Sobre o *Coral*, última parte da *Sinfonia*, Rosado (2008, p. 127) resume que este comemora tanto a conclusão física da cidade, quanto o início “de um novo país, buscado e idealizado, que tinha na construção de Brasília o seu grande símbolo”.

Por todo o exposto, pode-se afirmar que a *Sinfonia da Alvorada* é uma obra musical de elevado capital simbólico. Trata-se de uma obra representativa do projeto de identidade nacional brasileira que se buscava colocar em prática na época da sua feitura.

Uma sinfonia para o alvorecer de uma nação

A presente comunicação expõe controvérsias e organiza informações sobre a *Sinfonia da Alvorada*, ressaltando a maneira como a biografia dessa obra se entrelaça à biografia de Brasília. Ambas se impõem como monumentos, fruto de um período em nosso país marcado

⁵ Cf. manuscrito na página do Instituto Antonio Carlos Jobim: jobim.org/jobim/handle/2010/8465.

⁶ “Nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz” - Lúcio Costa, no Projeto do Plano Piloto de Brasília.

⁷ “Deste planalto central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino” - Juscelino Kubitschek de Oliveira. Brasília, 2 de outubro de 1956.

por discursos de modernidade, ousadia, integração e autoafirmação da nação. Tais valores explicam a grandiosidade de ambos os projetos: tanto a construção, do zero, de uma cidade – ou melhor, da capital de um país continental –, quanto a composição de uma obra sinfônica capaz de solenizar esse feito.

A partir de documentos encontrados no Arquivo Público do Distrito Federal, esta pesquisa elucida uma informação até então duvidosa a respeito da biografia da *Sinfonia da Alvorada*: se a obra teria sido ou não encomendada pelo então presidente Juscelino Kubitschek, ou se resultaria unicamente da iniciativa espontânea de seus compositores. No entanto, o recibo assinado por Antonio Carlos Jobim em 24 de novembro de 1960, no valor de um milhão e quinhentos mil cruzeiros, referente à cinquenta por cento do pagamento pelo “poema sinfônico”, não deixa dúvidas quanto ao seu caráter de obra encomendada. Com isso, este estudo também proporciona a instigante experiência da observação de um documento original de época, ressaltando o valor iconográfico que os documentos carregam em si.

Em tempo, convém frisar que o fato da *Sinfonia* ter sido encomendada não significa, necessariamente, ausência de envolvimento emocional e de identificação ideológica por parte da dupla de compositores para com o projeto de Brasília. Esse, porém, é um tópico para uma outra investigação. Independente disso, pondera-se que Tom Jobim vivia de seu ofício, e questiona-se o grau de identificação necessária para o aceite de um compositor ante a um convite de trabalho de tamanha relevância artística, e cuja remuneração era, no mínimo, justa. Já Vinícius, por mais que fosse diplomata de carreira, também atuava profissionalmente como escritor e poeta.

Sobre a escolha de Tom Jobim para a execução da parte musical, para além das suas competências orquestrais, foram ressaltados os valores agregados à sua figura. Do ponto de vista do *marketing* político, era vantajoso para o presidente bossa-nova ter um dos protagonistas desse recente e celebrado movimento da canção popular brasileira à cargo da tradução sinfônica da nova capital federal. JK escolhe, portanto, um nome que atendia a seus interesses em diversos segmentos, inclusive no campo da indústria cultural. Jobim, àquela altura, já adquiria prestígio internacional, o que auxiliava Kubitschek em seus planos de abertura do Brasil ao capital estrangeiro, sobretudo estadunidense.

Sobre a escolha de Vinícius de Moraes para a redação dos textos-poemas, tratava-se de um homem público de prestígio. Uma figura rara, que reunia atributos como: ser um diplomata bem relacionado, um poeta e escritor consagrado e um cancionista popular de sucesso. Enfim, alguém com “inteligência” suficiente para captar e atender a contento a encomenda da Presidência, contribuindo com a jogada publicitária do governo em exercício.

Assim, o estudo da *Sinfonia da Alvorada* nos proporciona uma singular e afetiva aproximação desse instigante período da história recente de nosso país, marcado por intensas transformações políticas, econômicas, culturais, urbanísticas etc., que inspiraram nos brasileiros daquela época um sentimento de otimismo sem precedentes em relação ao futuro do Brasil.

Referências

A TRIBUNA. São Paulo, 5 de novembro de 1960, p. 4. Fonte: Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional. Acesso em: fevereiro de 2024.

BOTTAS, P. V. O. Brasília - Sinfonia da Alvorada d'Antonio Carlos Jobim: Enjeux esthétique et idéologique d'une commande de l'état brésilien. M.A. Musicologie, Université de Montréal, Canadá, 2017.

CASTRO, R. Chega de saudade: a história e as histórias da bossa nova. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FOLHA de São Paulo. 'Garota de Ipanema' é a música brasileira mais gravada na história; veja lista. 16 de abril de 2023. Disponível em:

<[https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2023/04/garota-de-ipanema-e-a-musica-brasileira-mais-gravada-na-historia-veja-](https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2023/04/garota-de-ipanema-e-a-musica-brasileira-mais-gravada-na-historia-veja-lista.shtml#:~:text=%22Garota%20de%20Ipanema%22%2C%20cl%C3%A1ssico,direitos%20autorais%20na%20ind%C3%BAstria%20fonogr%C3%A1fica)

[lista.shtml#:~:text=%22Garota%20de%20Ipanema%22%2C%20cl%C3%A1ssico,direitos%20autorais%20na%20ind%C3%BAstria%20fonogr%C3%A1fica](https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2023/04/garota-de-ipanema-e-a-musica-brasileira-mais-gravada-na-historia-veja-lista.shtml#:~:text=%22Garota%20de%20Ipanema%22%2C%20cl%C3%A1ssico,direitos%20autorais%20na%20ind%C3%BAstria%20fonogr%C3%A1fica)> Acesso em: julho de 2024.

FRANCISCO, S. Jogo mostra verdades e mentiras sobre a composição da Sinfonia da Alvorada. Correio Brasiliense, Brasília, 21 de abril de 2013. Disponível em:

<<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/canta-brasilia/2013/04/21/internacantabrasilia,361420/jogo-mostra-verdades-e-mentiras-sobre-a-composicao-da-sinfonia-da-alvorada.shtml>> Acesso em: julho de 2024.

HOLANDA, H. Vinícius e Tom cantam Brasília. Revista Mundo Ilustrado, Rio de Janeiro, 18 de março de 1961. No. 169, p. 40-41. Fonte: Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional. Acesso em: fevereiro de 2024.

JOBIM, T. Encontros - Tom Jobim. Org. Frederico Coelho e Daniel Caetano. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011.

JOBIM, A. C.; MORAES, V. Brasília - Sinfonia da Alvorada. Rio de Janeiro: Columbia-33001, 1961 - LP (33:35 min).

JORNAL do Brasil. Jobim grava a trilha da “Garôta”. Rio de Janeiro, 9 de agosto de 1967. 1º Caderno, p. 10. Fonte: Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional. Acesso em: fevereiro de 2024.

MACHADO, C. Tom Jobim. São Paulo: Publifolha, 2008.

PEDROSA, A. G. S. Catetinho: a flama inspiradora. Goiás: UEG, 2023.

ROSADO, C. Brasília - Sinfonia da Alvorada: Estudo dos procedimentos composicionais da obra sinfônica de Tom Jobim. Dissertação de Mestrado. USP, SP, 2008.

ÚLTIMA Hora. Brasília é Sinfonia: A Obra de JK em Sete Notas. Curitiba, 27 de fevereiro de 1961. 2º Caderno, p. 8. Fonte: Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional. Acesso em: fevereiro de 2024.

VELOSO, C. Verdade Tropical. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Marília do Espírito Santo Carvalho é Doutoranda em Música na Universidade do Estado de Santa Catarina, Mestre em Música pela mesma instituição (UDESC, 2018), e professora efetiva da Escola de Música de Brasília (CEP-EMB).

Márcia Ramos de Oliveira é professora aposentada do Departamento de História da Universidade do Estado de Santa Catarina e atua como docente colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Música da mesma instituição (PPGMUS-UDESC).